



MEMÓRIAS DA CABANAGEM

PAULO EVANDER
e LEONARDO TORII



SECULT/PA



MEMÓRIAS DA
CABANAGEM

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ
HELDER BARBALHO

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ
LÚCIO VALE

SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA
URSULA VIDAL

SECRETÁRIO ADJUNTO
BRUNO CHAGAS

DIRETOR DE CULTURA
LUIZ MARIA SOARES JÚNIOR

DIRETOR DO ARQUIVO PÚBLICO
LEONARDO TORII

DEPARTAMENTO DE EDITORAÇÃO E MEMÓRIA
CÁSSIO TAVERNARD - DIRETOR
BRUNO MATEUS P. LIMA
MARIA ALFREDINA BARROSO
REGINA VITÓRIA ALVES

PRODUÇÃO EDITORIAL
DEPARTAMENTO DE EDITORAÇÃO E MEMÓRIA – SECULT PARÁ
COORDENAÇÃO EDITORIAL CÁSSIO TAVERNARD
CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO CÁSSIO TAVERNARD
TEXTO PAULO EVANDER / LEONARDO TORII
REVISÃO DE TEXTO LUANA BEATRIZ RODRIGUES DE SOUZA
ILUSTRAÇÕES AD GOMES / MAURICIO ATAIDE
EVERTON LEÃO / ELIEZER FRANÇA
GUSTAVO MEDEIROS / PAULO EVANDER

EQUIPE DE ACESSIBILIDADE:
ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO E NARRAÇÃO CLÓVIS MARTINS E JOANA MARTINS
CONSULTORIA EM AUDIODESCRIÇÃO MÔNICA CARVALHO
GRAVAÇÃO E EDIÇÃO CLÓVIS MARTINS

REALIZAÇÃO



PAULO EVANDER
e LEONARDO TORII

SECULT/PA

COPYRIGHT © 2021 by Paulo Evander / Leonardo Torii
Todos os direitos desta edição reservados
à Secretaria de Estado de Cultura do Pará – Secult/PA.
Av. Governador Magalhães Barata, 830 | 66063-240 Belém, PA.
TEL.: (91) 4009-8454 | 4009-8458
www.secult.pa.gov.br

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Evander, Paulo
E92m Memórias da Cabanagem / Paulo Evander e Leonardo Torii. –
Belém : Secult/PA, 2021.
40p. : il. ; 24 cm (Cultura e memória)
ISBN 978-65-89017-04-2

1. Brasil - História – Cabanagem, 1835-1840 - Literatura infantojuvenil.
I. Torii, Leonardo. II. Pará. Secretaria de Estado de Cultura. II. Título.

CDD: 028.5

Regina Vitoria Alves, Bibliotecária - CRB 2/353

Olhar para o passado e revisitá-lo com reverência e respeito é sempre um caminho seguro para entender as feições e movimentos históricos do presente.

A Amazônia, com sua grandeza territorial e acúmulo ancestral de tradições dos povos que nela habitam há milhares de anos, foi, por vezes, isolada das narrativas construídas ao longo da história do Brasil. Uma espécie de apagamento simbólico deste pedaço de país que sempre representou um desafio para o modelo colonizador de ocupação e progresso. Nos livros de história que formam o entendimento imediato e superficial dos períodos colonial e imperial é fácil conhecer detalhes da Inconfidência Mineira e de seu mártir Tiradentes; da Guerra de Canudos e seu líder mítico Antônio Conselheiro, da Revolução Farroupilha, da Revolta da Chibata, da Balaiada e da Sabinada. Todos levantes populares que traduziram aspirações diretas da sociedade oprimida e o combate às injustiças sociais que marcaram com sangue e luta capítulos inaugurais da edificação do Brasil como nação.

Mas poucos ouviram falar na Cabanagem – a maior revolução social do Brasil Império. Mobilizada pelo povo que protagonizou batalhas sangrentas contra as forças militares do governo central, foi a única que alcançou seu propósito revolucionário, conquistando o poder, mantido por 1 ano nas mãos dos líderes cabanos antes de ser violentamente reprimida.

Sua importância é revivida nesta obra literária que nos projeta até o século XIX, para o coração desta passagem fundante da identidade do Estado do Pará, sua formação e contexto diante do Brasil.

O Governo do estado do Pará, através da Secretaria de Cultura, tem a honra de lançar “Memórias da Cabanagem”, num esforço de valorização de nossa história para todas as gerações futuras. E para que este grandioso levante popular continue cumprindo sua missão de fazer frutificar em solo paraense a coragem de lutar incansavelmente por justiça e igualdade.

URSULA VIDAL
SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA

MEMÓRIAS DA CABANAGEM

Você já ouviu falar na Cabanagem?

Talvez no seu livro de história da escola tenha um breve parágrafo explicando de forma bem resumida o assunto. Algo como uma revolta popular que aconteceu na Amazônia no tempo em que o Brasil ainda era um Império, e o Grão-Pará, uma província.

Bem, a verdade é que esse episódio da nossa história é um dos mais emocionantes e interessantes de se conhecer.

Se você gosta de filmes e livros com tramas de conspirações, disputa de poder, traição, vingança, e batalhas épicas, a Cabanagem é tudo isso e muito mais, com o acréscimo de ter como cenário uma Belém colonial iluminada por candeeiros e tochas, e como protagonistas, nossos destemidos antepassados.

Conhecer a Cabanagem é partir em uma viagem no tempo de volta às ruas de uma Belém antiga. Você nunca mais verá suas praças, igrejas e monumentos com os mesmos olhos. Saberá quanto sangue se derramou onde hoje você pisa tranquilamente a caminho da escola, ou de casa.

Conhecer os motivos que levaram nossos antepassados a lutar naquele tempo é fundamental para entendermos pelo que devemos lutar ainda hoje.








Em 1500, Pedro Álvares Cabral e sua esquadra aportaram na “Terra de Vera Cruz”, mais tarde mudariam o nome para Brasil. Um documento muito importante escrito à época da chegada dessa esquadra é a carta de Pero Vaz de Caminha, escrita ao rei de Portugal Manuel I, que manifestou assombro diante da exuberância da terra e da liberdade hedonista dos habitantes nativos.

Entretanto, antes da “descoberta” das Américas pelos europeus, muitas etnias indígenas já existiam há cerca de pelo menos 11.000 anos. Desde as lendárias povoações dos Incas, Astecas e Maias, a centenas de outras etnias que se distribuíam ao longo de toda a extensão de Norte a Sul do continente, como os Potiguaras, os Guaicurus, Charruas, Tamoios, Tupinambás e os Tupis.



Os primeiros contatos com os povos indígenas no Brasil ocorreram de forma amistosa, mas não tardou muito para haver a imposição da política e da cultura portuguesa. A começar pela generalização “índio”, que transformou povos distintos entre si, de culturas e línguas diversificadas, em uma única coisa estereotipada.





As ordens religiosas criaram os aldeamentos onde mantinham o trabalho de catequização, e ao mesmo tempo, se aproveitavam da mão de obra indígena para a construção de igrejas e conventos, nas lavouras e na coleta de produtos das florestas.

Os portugueses avançavam cada vez mais para o interior das florestas, capturando grupos indígenas para servirem como escravos.

The illustration shows the silhouettes of four indigenous people in profile, facing right. They are holding spears with feathers attached to the shafts. The background is a green zigzag pattern with a cracked texture.

A resistência dos povos nativos se intensificava à medida que invadiam suas terras e lhes privavam da liberdade. Sangrentos conflitos levaram ao extermínio de populações inteiras. Surtos de doenças levaram mais tantos milhares à morte.



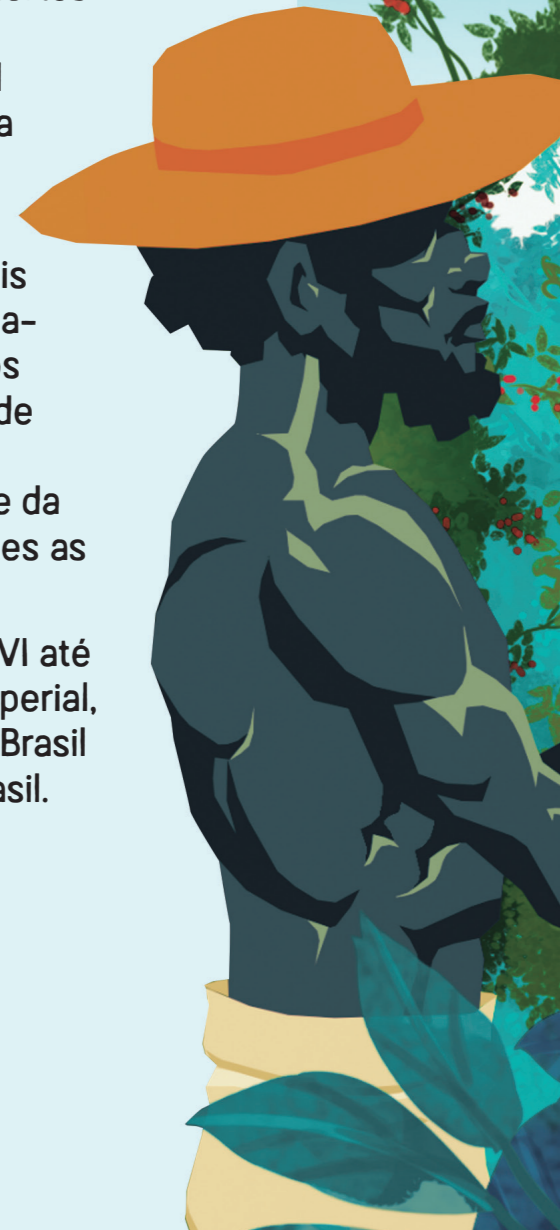




Um produto que teve seu cultivo estimulado pela Coroa Portuguesa no Brasil foi a cana-de-açúcar, que se adaptou muito bem ao clima tropical. Quando se iniciou a plantação em larga escala, as populações indígenas estavam sofrendo com um número de mortes muito alto, ao mesmo tempo o tráfico de africanos escravizados mostrava-se extremamente rentável para a Coroa Portuguesa. Foi assim que começou a introdução de negros escravizados no Brasil.

Foram milhões de africanos escravizados que desembarcaram no Brasil para executarem os mais diversos trabalhos na região: nas lavouras de cana-de-açúcar, tabaco, café, algodão, na pecuária, nos trabalhos domésticos, trabalhos urbanos. Diante de toda violência a qual foram submetidos, surgiram vários movimentos de resistência contra o regime da escravidão. Tornaram-se cada vez mais frequentes as fugas e a formação de quilombos e mocambos.

O Período colonial Brasileiro durou do século XVI até o XIX, terminando com a instalação do regime imperial, na ocasião da proclamação da Independência do Brasil e a coroação de D. Pedro I como imperador do Brasil.



A fundação da cidade de Belém inicia em 1616, com a chegada da expedição do português Francisco Caldeira Castelo Branco e a construção do Forte do Presépio. Foi a partir do Forte que a cidade começou a crescer. Abriram-se as primeiras ruas nos atuais bairros da Cidade Velha e Campina fazendo com que vários igarapés fossem aterrados, o mais conhecido era o Piri.

As casas, neste primeiro momento, não eram mais que pequenas “rocinhas” de barro e palha. Existiam poucos sobrados e as ruas eram estreitas e irregulares, de forma que não tinham calçamento – eram verdadeiros atoleiros.

A iluminação era de candeeiros e lamparinas. Foi um período no qual a cidade recebera alguns aventureiros, cientistas e artistas europeus, que ficavam admirados com as belezas da natureza local e se horrorizaram com a pobreza do lugar.

A economia da região mantinha-se baseada no extrativismo, forma pela qual se retirava da floresta produtos comerciáveis, como o cacau, o guaraná e a castanha-do-Pará. A Coroa Portuguesa tentou introduzir a cultura das lavouras de café, cana-de-açúcar, algodão, tabaco e da pecuária. Todavia, foram iniciativas que não geravam o impacto econômico desejado pela Metrópole.



O Brasil declarou sua independência em 1822. Para a grande maioria da população, a independência era a esperança de libertação do jugo português e da melhoria de vida. Para os negros, o fim da escravidão. Os indígenas sonhavam em voltar à sua vida como era antes de os colonizadores chegarem. Mas nada disso aconteceu. A escravidão foi mantida legalmente e a religião católica reconhecida como oficial. Embora não fosse mais colônia de Portugal, a Amazônia agora era vista como colônia do Império brasileiro e tratada com o mesmo despotismo de sempre.

A luta pela independência na região ganhou características particulares por causa da alta concentração de portugueses que possuíam cargos e negócios na região e não estavam dispostos a se separar da metrópole. Os portugueses ocupavam postos-chaves no poder, desde o governador da província até o comandante de armas. Mas os nascidos da terra insistiam em poder dirigir os rumos de seus destinos com as próprias mãos. É nesse momento que surge uma rixa entre a elite portuguesa e os nacionalistas, liderados pelo cônego Batista Campos.



Batista Campos nasceu em 1782, onde hoje fica o município do Acará. Foi um clérigo e advogado politicamente engajado nas causas de sua época. Pregava a emancipação política de Portugal e tinha uma ideologia fortemente nacionalista. Em sua casa, reunia-se com amigos e admiradores para discutir questões políticas. Ele era muito influente entre seus seguidores. Dentre eles, os mais notáveis eram Francisco e Pedro Vinagre, assim como Eduardo Angelim. Um homem carismático e contraditório em muitos gestos, mas, inegavelmente, um dos responsáveis pelo afloramento dos ânimos que levaram ao grande levante da Cabanagem.

No dia 15 de agosto de 1823, a Província do Grão-Pará aceitou aderir à independência do Brasil oficialmente.

E o grupo representado por Batista Campos fez uma forte oposição aos representantes do governo imperial, por se sentirem marginalizados das decisões políticas da região, principalmente nas indicações dos principais cargos políticos. John Pascoe Grenfell, um militar inglês a serviço do Império brasileiro, veio para o Grão-Pará reprimir as manifestações de portugueses contrários à independência do Brasil. Nesse contexto, aconteceu o massacre do Brigue Palhaço, episódio símbolo da repressão do Império, ali representado pelo oficial inglês. Sob acusação de participarem das desordens sociais, centenas de pessoas foram presas indiscriminadamente: 252 homens morreram por asfixia na mais dolorosa agonia, aprisionados nos porões de um navio. O povo jamais esqueceria desse massacre e nem dos seus responsáveis.





Doze anos depois, chega a Belém aquele que seria a faísca que faltava para incendiar os ânimos já exaltados: Bernardo Lobo de Souza. Ele foi o Presidente da Província que fez estourar a Cabanagem.

Chegou a Belém junto com seu comandante de armas, o Coronel Joaquim José da Silva Santiago. O Presidente da Província era um homem intolerante, arrogante e representava os interesses do governo imperial. Logo, se mostrou irredutível às mudanças que parte das elites almejavam para a região. Não demorou para que Batista Campos e Lobo de Souza virassem ferrenhos inimigos. Batista Campos publicou textos incendiários no “O Paraense”, primeiro jornal da Província e Lobo de Souza ordenou a perseguição implacável ao opositor.

Em fuga pela mata, Batista Campos morre em 1834, na cidade de Barcarena, em decorrência de um ferimento maltratado que infeccionou. Não deixa nenhum testamento político. Ao se espalhar a notícia de sua morte, aflora a cólera revolucionária. Na floresta os cabanos choraram, e, silenciosamente, preparam a vingança ao líder caído.

Canoas, gambarras e igarités percorrem os furos de rios e igarapés. Eduardo Angelim convoca homens pelas matas. Os irmãos João e Germano Aranha convocam homens em Belém. O negro liberto, conhecido como “O Patriota”, reúne negros escravos e libertos para a luta. Os conspiradores se reúnem na Ilha das Onças, próximo a Belém.



Na madrugada de 7 de janeiro de 1835, quatro hordas de homens armados, sob o comando de Antônio Vinagre, Eduardo Angelim, João Miguel Aranha e Geraldo Gavião desfecham ataques ao arsenal de armas e ao Palácio do Governo.

O governador Lobo de Souza e o seu comandante de armas são assassinados em plena tentativa de fuga. É uma madrugada de intenso terror em Belém, com sangrentas batalhas tomando as ruas da cidade. Portugueses abastados fogem levando os bens que podem.

Por fim, as forças cabanas vencem. Pela primeira vez, homens e mulheres das classes menos privilegiadas estavam no Palácio do Poder.

A província encontrava-se sem liderança. Mandaram buscar na prisão Félix Clemente Malcher, um rico fazendeiro nascido em Monte Alegre, em 1772. Um político nacionalista, assim como Batista Campos, com quem teve muitas brigas ideológicas, mas com quem acabou se aliando para enfrentar o despotismo do governador Lobo de Souza.



Félix Malcher tinha sido preso pelas tropas oficiais em sua fazenda no Acará. Apesar de ter lutado ao lado de Batista Campos, Malcher representava a elite latifundiária, portanto, contrário aos interesses do povo. Mesmo assim foi empossado como governador, e Francisco Vinagre assumiu como comandante de armas.

Os inimigos da revolução, que desejavam a retomada do poder pelo Império, tramaram jogar os cabanos uns contra os outros, espalhando mentiras.

Logo, Malcher adotou medidas que desgostaram a parte popular cabana, a começar por perseguir politicamente seus antigos aliados: Francisco Vinagre e Eduardo Angelim, a quem acusou de conspiração contra seu governo. Vencido o inimigo em comum de antes, estava iniciada a luta entre os próprios cabanos.

O Presidente da Província ordenou a prisão de antigos aliados, o que motivou a reação do povo, e a retomada das lutas agora entre cabanos favoráveis a Malcher contra os favoráveis a Vinagre e Angelim.



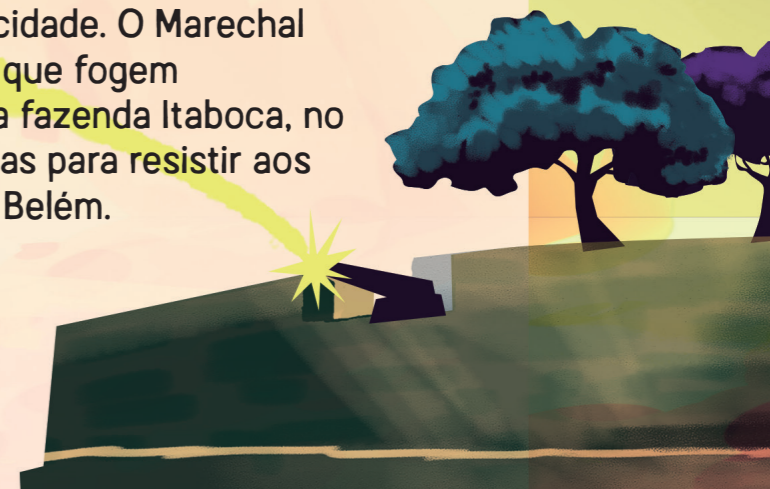


Num surto autoritário, em fevereiro de 1835, Malcher ordena que navios de guerra da marinha bombardeiem Belém. Os cabanos aquartelados no Forte revidam o ataque. A cidade é arrasada por intenso tiroteio de canhões e fica semidestruída. Malcher acabou sendo assassinado.

Assume Francisco Vinagre, jovem lavrador de origem humilde que, aos 23 anos de idade, tornou-se o segundo Presidente Cabano da província. Seu irmão Antônio Vinagre passa ao comando de armas. Nascido no Acará, em 1812, Francisco teve quatro irmãos: Antônio, Raimundo, José e Manuel. Era admirador de Batista Campos, portanto, simpatizante das causas que ele defendia. Foi um dos líderes e estrategistas de batalhas.

Seu governo foi instável e precisou do auxílio de padres para compensar seu pouco letramento. Apesar de muito respeitado pelos seus companheiros de lutas, acabou desagradando a muitos deles, inclusive ao irmão Antônio, ao decidir negociar com o império e entregar o governo à Coroa, simbolizado pelo Marechal Manoel Jorge Rodrigues.

As forças legalistas retomam a cidade. O Marechal inicia a perseguição aos rebeldes, que fogem novamente para o interior, onde na fazenda Itaboca, no rio Moju, arregimentam novas forças para resistir aos soldados que passaram a dominar Belém.





Quatro mil cabanos trajando roupas tingidas de vermelho, na casca do mucuxi, desembarcaram em Belém para retomar os pontos-chave: Palácio do Governo, Arsenal de Guerra e Arsenal da Marinha. Mais batalhas pela cidade. Antonio Vinagre é morto por um tiro quando comandava a tropa, na tentativa de tomar o Arsenal de Guerra.

Rapidamente, Eduardo Angelim reorganiza a luta no largo das Mercês, que dura mais de seis dias, com muitas mortes e feridos.

Os soldados imperiais resistem o quanto podem, mas a fúria cabana não esmorece. Logo faltam munição e suprimentos, e o Presidente da Província, Manoel Jorge, decide bater em retirada da cidade levando consigo os soldados e portugueses apavorados.

Passados nove dias de intensas lutas, Eduardo Angelim é aclamado, aos 21 anos de idade, como o terceiro Presidente Cabano da província do Grão-Pará. Embora os cabanos fossem novamente senhores da cidade, a partir da Ilha de Tatuoca, o poder Imperial se reorganiza para sufocar a revolução. É imposto um bloqueio comercial a Belém, e logo começa a faltar comida para os cabanos. Navios enviados do Rio de Janeiro trazem armamento e mantimentos para os soldados. Chegam reforços militares de Pernambuco e Ceará.





Desembarca a Belém, a bordo de uma poderosa esquadra de guerra, o brigadeiro Andrea Soares e a repressão final. Já esgotados física e emocionalmente, os cabanos não conseguiram resistir. É o início do fim da Revolução Cabano. O Brigadeiro promove intensa perseguição a todos os acusados de participarem dos motins. Muitos fogem para os interiores, mas os braços da repressão se infiltram pelas matas, e muitos são mortos. Os que são presos acabam morrendo de maus tratos nas prisões e calabouços de navios da marinha.

A Cabanagem é um movimento social único na história do Brasil porque conseguiu reunir diversos grupos sociais com um mesmo ideal de luta. Eram ribeirinhos, pequenos agricultores, negros escravizados e libertos, pequenos comerciantes, grupos indígenas e uma elite econômica que tomaram o poder em 1835.

Os estudiosos costumam definir a Cabanagem como múltipla, tanto nas pessoas que participaram quanto nos seus interesses. Não restam dúvidas de que ela representou a luta legítima de uma população por melhores condições de vida e de trabalho e de uma maior participação nas decisões políticas da região. Pela primeira e única vez na história, um levante popular chegou ao poder.

Hoje, somos os herdeiros da bravura dos homens e mulheres que, há séculos, lutam contra a opressão do nosso povo.



Bibliografia consultada

CRUZ, Ernesto. *História do Pará. 1º volume*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.

FREITAS, Décio. *A miserável revolução das classes infames*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PINTO, Lucio Flávio. *Cabanagem: O massacre*. Belém: Jornal Pessoal, 2020.

ROCQUE, Carlos. *Cabanagem: Epopéia de um povo*. Belém: Imprensa Oficial, 1984.